



OS KURAKAS ANDINOS NA OBRA DE FELIPE GUAMAN POMA DE AYALA

Vinicius Soares de Lima (PIBIC/FA/Uem), Luiz Felipe Viel Moreira (Orientador), e-mail: vinilima100@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Grande área: Ciências Humanas. Área: História. Subárea: História da América

Palavras-chave: História Andina, Peru Colonial, Poma de Ayala.

Resumo:

O objetivo desta pesquisa foi analisar como a figura dos líderes regionais andinos, os kurakas, está representada na obra *Nueva Corónica y Buen Gobierno*, de Felipe Guaman Poma de Ayala. O trabalho buscou, na historiografia, evidências que possam ajudar a entender as representações do período criadas pelo cronista, sem esquecer que essas representações, em si, jamais podem ser tomadas como a reprodução exata de uma realidade histórica. Nesse sentido, a pesquisa considerou o texto da crônica, a historiografia e textos relacionados ao tema da representação. O resultado permitiu entender melhor a relação daqueles homens com os dominadores espanhóis e seus comandados indígenas na dinâmica da situação colonial.

Introdução:

O termo *kuraka* vem do quéchua e admite traduções como “senhor”, “senhor do povo” e “aquele que tem a voz por todos” (SPALDING, 1974, p 35). Os *kurakas* eram os chefes do *ayllu*, o grupo de parentesco sobre o qual estavam estruturadas as sociedades andinas. Ao contrário do governador provincial Inca, o *kuraka* era um membro integrante do grupo sobre o qual





exercia autoridade. É importante ter em mente que o termo era usado para definir chefes de distintos níveis da hierarquia social dentro de um mesmo grupo, cuja totalidade era representada por um *kuraka principal*.

Este tema foi escolhido pois este grupo tinha importância fundamental nos níveis cultural e político para o exercício da dominação estrangeira na região. De fato, tanto os dominadores incas quanto os espanhóis sabiam que o acesso à mão-de-obra e obediência dos indígenas dependia diretamente dos *kurakas*. A função principal de um *kuraka* era representar a comunidade e zelar pelas normas sociais que regulavam as relações entre os membros da sociedade. O objetivo da pesquisa foi mostrar o resultado da análise das representações desses *kurakas* no texto escrito da crônica e fazê-las dialogar com a historiografia americanista, de modo a compreender a importância desse grupo social nas relações entre colonizadores e colonizados.

Para concluir esta introdução, é necessário destacar que, em virtude da extensão da obra (1384 páginas) e de sua variedade de temas, foi preciso fazer recortes. A edição utilizada na pesquisa foi a publicada em 1987 na coleção História 16, com texto introdutório de John Murra, Rolena Adorno e Jorge Urioste. Essa edição é dividida em três tomos. O Tomo B foi escolhido como fonte por ser o mais extenso e o que aborda em detalhe os temas relacionados ao período colonial. O tomo A trata do período pré colombiano e o tomo C aborda outros temas.

Materiais e métodos:

Os materiais utilizados foram a crônica descrita na introdução, que serviu de fonte primária para a pesquisa, e um apanhado de textos clássicos da historiografia americanista e andinista relativos ao tema. A metodologia de trabalho foi estruturada em duas etapas. Nos primeiros seis meses, foi feita a leitura dos capítulos da crônica relacionados ao período colonial, que estão presentes no tomo B da edição História 16. No semestre final, foram lidas as obras historiográficas citadas. Após esse levantamento, os elementos mais importantes do texto da crônica foram confrontados com os textos historiográficos que tratavam do mesmo tema, com objetivo de





entender melhor a função dos caciques andinos na dinâmica colonial do Peru do século XVI.

Resultados e Discussão:

As leituras citadas acima permitiram concluir que a existência e atuação dos *kurakas* foi imprescindível para a colonização espanhola. A partir da inserção do elemento europeu no mundo andino, esses líderes regionais tiveram duas opções: resistir ou cooperar com os invasores estrangeiros. Muitos escolheram se aliar aos rebeldes incas e neo-incas, em notáveis movimentos de resistência como o *taki ongoy*. Entretanto, a maioria dos *kurakas* andinos optou por engrossar as fileiras dos espanhóis. Minha pesquisa permitiu asseverar que o facciosismo indígena foi uma característica fundamental para que os espanhóis pudessem viabilizar sua empresa colonizatória. Muitos *kurakas* se aliaram imediatamente aos espanhóis devido ao histórico de dominação incaica sobre as diversas etnias andinas, além de outros conflitos inter-étnicos com variadas causas. Derrotados os primeiros movimentos de resistência, coube ao vice-rei Francisco de Toledo reestruturar internamente a sociedade andina através de deslocamentos forçados, extirpações de idolatrias e nomeação ou confisco de *kurakados* de acordo com as necessidades espanholas.

Após a reorganização de Toledo, o declínio dos *kurakas* se tornou inevitável. A prosperidade econômica do período toledano foi construída, como visto, através do uso da força pelos colonizadores. Os *encomenderos* em geral prosperaram e viveram a maravilha do lucro rápido. Ávidos por mais lucros, que exigiam mais mão de obra, os espanhóis pressionavam os *kurakas* para fornecerem maiores contingentes de seus súditos para as minas, plantações e teares. Esse processo erosionou a relação dos *kurakas* com seus súditos ao longo do século XVI e XVII, o que gerou o consequente declínio detectado por Spalding em sua coletânea *De indio a campesino*. Para ela, o sistema vigente no século XVI não podia durar muito, visto que existia uma contradição inerente à figura do kuraka: ele devia cuidar dos interesses de sua comunidade ao mesmo tempo que era obrigado a fornecer o que era exigido pela Coroa.





Conclusões:

De tudo que foi exposto, podemos concluir que seja como indivíduo ou como grupo social, os *kurakas* andinos estiveram sempre ao centro das relações entre dominadores espanhóis e indígenas dominados. Imersos em uma típica *situação colonial*, os *kurakas* do vice-reinado do Peru tiveram de lidar com os três aspectos da ação colonizadora espanhola: a missionária, a administrativa e a econômica.

A ação missionária era inevitável. Os indígenas foram obrigados a admitir que o Deus cristão derrotara seus deuses. Na prática, isso significava que os espanhóis eram os novos senhores da Terra. A ação administrativa, marcadamente após Toledo, reconfigurou as estruturas da elite local e as deu um novo papel, com mais ou menos poder em cada situação, de acordo com as necessidades espanholas. No campo da economia, a presença espanhola trouxe novas oportunidades de enriquecimento, principalmente individual, lícito e ilícito.

Agradecimentos

Agradeço a meus amados pais, meu orientador, e ao financiamento da Fundação Araucária.

Referências

ADORNO, Rolena. Waman Puma: El autor y su obra. In: AYALA, F. G. P., *Nueva crónica y buen gobierno*. Crónicas de América 29a-c. Historia-16, Madrid. 1987, vol. 1, pp. xvii-xxvii.

AYALA, Felipe Guaman Poma de. *Nueva crónica y buen gobierno*. Ed. John V. Murra, Rolena Adorno y Jorge L. Urioste. Crónicas de América 29a-c. Historia-16, Madrid. 1987

KONETZKE, Richard (org). *Historia Universal siglo XXI – América Latina, vol II*. Cidade do México: Siglo XXI, 2000.

SPALDING, Karen. De indio a campesino. IEP, Lima, 1974.

